

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Folha de São Paulo

Class.:

NO AMAZ. Geral

Data

12.10.80

Pg.:

179

Índios do rio Negro, no rumo da marginalização

CARLOS ALBERTO LUPPI

A perda da própria identidade pessoal e cultural e a marginalização social vêm sendo as grandes consequências do processo de destribalização que atinge os índios do vale do Rio Negro, no Amazonas, posto em prática pelas frentes de contato na área, principalmente as missões dos padres salesianos que dominam a região de quase 300 mil quilômetros quadrados. Atualmente, na capital amazonense, chega a 12 mil o número de índios saídos do Rio Negro, vivendo agora na periferia de Manaus nas piores condições possíveis. Mais do que abandonados, eles foram deserddados.

Aliás, de um modo geral, a situação revela-se dramática: além dos índios que saem da região do Rio Negro e fogem para a Colômbia à procura de melhores chances, há os que se dirigem a Manaus, onde acabam vivendo em favelas ou nas palafitas. A maioria está desempregada, não tem chances de competir no restrito mercado de trabalho; meninas índias aos 14 anos podem ser encontradas às dezenas nos principais prostíbulos de Manaus (Itamaracá, Saramandaia, Maria das Patas). Os que conseguem algum serviço não ganham mais do que três mil cruzeiros mensais. Embebedam-se, brigam, tentam o suicídio ou então tentam matar seus irmãos de raça. Sentem vergonha de serem índios, negam sua própria identidade e origem. Não se sentem nem brasileiros e nem tampouco índios. Sem perspectivas, e na ânsia de se mostrarem civilizados diante da sociedade branca, desesperam-se porque não são aceitos no ambiente em que estão. O retorno à origem também é praticamente impossível, porque não são facilmente aceitos pelas tribos que um dia abandonaram.

NAÇÃO DOS DESERDDADOS

Os destribalizados (são pelo menos 40 mil em todo o País, dos quais 12 mil só em Manaus) estão a compor uma espécie de "nação dos deserddados", espalhados nas periferias de grandes cidades brasileiras, onde não têm chances e não têm qualquer defesa. As frentes de contato, na área do rio Negro, principalmente as missões, vêm provocando a destribalização coletiva e a individual. A coletiva ocorre porque os missionários investem contra a cultura e os costumes das várias nações indígenas, mudam os chefes naturais, impõem nova estrutura tribal segundo conceitos religiosos e "civilizados" e até mesmo impondo agentes aliciados por eles para destribalizarem outros índios (isso ocorre quando ex-alunos índios doutrinados pelas missões passam a comandar, a serviço dos padres, o trabalho da destruição da cultura indígena).

Por causa disso é possível encontrar pelo menos 500 índios brasileiros vivendo hoje em território colombiano, para onde foram tentando melhores condições de vida e trabalho e fugindo da chamada "opressão catequética". Na Colômbia, preferem a

relação semi-escravagista dos seringais a continuarem dominados pelas missões salesianas e protestantes do rio Negro. Trabalham ainda na construção de estradas no país vizinho. No lado brasileiro, muitos dos que não vão para Manaus, se engajam nos quadros do Exército e da polícia, em São Gabriel da Cachoeira. Outros tornam-se marinheiros nas embarcações do Solimões, do baixo Amazonas ou do próprio rio Negro. Outros ainda são levados para serviços braçais no porto ou aeroportos de Manaus e Belém. Há os que são utilizados, entretanto, como mão-de-obra barata em indústrias da Zona Franca de Manaus.

Na grande maioria dos casos, os índios não se adaptam aos vários sistemas de vida que tentam na cidade. Não se fixam em nenhum emprego principalmente porque ganham salários ínfimos, gastos em grande parte na bebida e na prostituição. Há o caso de dezenas de meninas índias trazidas do rio Negro para Manaus pelas freiras salesianas e que vêm sendo entregues a famílias tradicionais de Manaus, para trabalharem como domésticas, recebendo salários de no máximo mil cruzeiros mensais em troca de alguma benfeitoria para as missões. Há dezenas de casos desse tipo. Invariavelmente, estas meninas índias acabam sendo utilizadas, sexualmente, pelos filhos de seus patrões. Depois são deixadas nas ruas para "se virarem". Acabam numa casa de prostituição. Algumas tentam voltar para sua tribo de origem, mas não são mais aceitas.

CONSEQUÊNCIAS

O processo de destribalização tem consequências desastrosas. Um índio yanomami, casado, com filhos, foi recentemente maltratado pela sogra e então devolveu a esposa (conforme a lei tribal). Juntou-se em seguida com outra moça (contra a lei da Igreja) e foi obrigado então a se afastar da tribo, porque foi taxado de "pecador público" e "escandaloso". Foi expulso da missão e acabou sendo segregado pelos demais, fortemente influenciados pelos conceitos missionários. O índio foi levado para Yauareté (mais de 600 quilômetros de seu local de origem) e daí teve que se afastar ainda mais, indo para Tiriós, no Pará, a mais de 2.500 quilômetros de distância.

Há o caso de um índio que aprendeu a consertar aviões, tendo feito treinamento no Rio e no Peru. Um branco lhe ordenou que levasse um pacote dentro de um avião. Era contrabando. O índio foi pego em flagrante e maltratado. Outro tornou-se inspetor de Meteorologia do Amazonas com curso no Rio. Não era feliz. Um violento processo de angústia pessoal por se sentir destribalizado o tornava um dependente da bebida. Numa dessas ocasiões, bêbado, caiu da janela (ou se jogou), morrendo no asfalto. As missões expulsam de suas áreas os antigos pagés e líderes religiosos indígenas e também os índios que não querem aceitar a dominação de sua cultura.